



As teorias do jornalismo na pesquisa sobre revistas¹

Aline Soriani Vasconcelos²

Paulo Roberto Botão³

Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Resumo

O presente estudo tem como objetivo demonstrar como as teorias do jornalismo têm sido frequentemente usadas na elaboração de estudos sobre o jornalismo de revista. Para isso, faz uma análise de artigos e comunicações científicas sobre este campo, publicadas nos últimos cinco anos, em repositórios e eventos de comunicação nacionais. O foco recai sobre as metodologias utilizadas, as construções teóricas de referência e a forma como estas teorias contribuem para as finalidades propostas.

Palavras-chave

Teorias do jornalismo, tendências, pesquisa, revista, jornalismo

Introdução:

Nos últimos dez anos, as Teorias do Jornalismo têm ocupado espaço crescente nos meios acadêmicos do campo da comunicação. E são diversos os eixos pelos quais as contribuições têm sido construídas. As pesquisas utilizam diversidade de abordagens metodológicas, mas as referências teóricas concentram os estudos dos pesquisadores Nelson Traquina, Felipe Pena, Mauro Wolf e José Marques de Melo, mencionados com frequência em estudos produzidos no Brasil.

O presente artigo tem como objetivo principal traçar um panorama sobre as pesquisas acadêmicas realizadas no país referenciadas nas Teorias do Jornalismo e a hipótese inicial é a de que elas têm sido, crescentemente, utilizadas. O recorte é sobre o uso na análise do jornalismo impresso, especificamente no jornalismo de revista.

A hipótese decorre da observação do crescimento dos espaços em que ocorrem o ensino e a reflexão sobre estas teorias no Brasil. A criação de programas de mestrado e doutorado em jornalismo, a inserção de conteúdos teóricos de jornalismo nas matrizes dos currículos de graduação na área e o fortalecimento de entidades de pesquisa em jornalismo são algumas destas manifestações.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, 7º semestre.

³ Orientador do trabalho. Professor e coordenador do curso de Jornalismo da Unimep



Para obter os dados necessários a essa confirmação, foi realizado um levantamento de trabalhos acadêmicos recentes sobre jornalismo de revista, considerando os apresentados em eventos da área, como os encontros regionais e nacionais do Intercom⁴, SBPJor⁵, FNPJ⁶ e Compós⁷ e no repositório de artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso da Lume – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Após a identificação destes estudos, realizou-se a verificação sobre a ocorrência ou não do uso de teorias do jornalismo e as condições em que ocorreram estes usos.

Em suas limitações⁸, o artigo não busca analisar as produções de programas de pós-graduação em comunicação em Jornalismo, nem em materiais publicados em periódicos acadêmicos da área. Da mesma forma, o levantamento inclui apenas artigos que têm como objeto o jornalismo de revista, o que implica, naturalmente, na limitação também de suas conclusões.

1. O Jornalismo de Revista

As revistas constituem um meio de comunicação com características peculiares. Proporcionam uma experiência de leitura que vai além da simples transmissão de notícias, como ocorre nos jornais impressos, trazendo análises e reflexões mais profundas. Beneficiam-se de uma periodicidade mais espaçada que a dos jornais, o que proporciona a possibilidade de ganhos na apuração dos acontecimentos e na sua apresentação ao público.

A primeira publicação deste tipo que se tem conhecimento nasceu em 1663, na Alemanha, com o título de *Erbauliche Monaths-Unterredungen* – em português, *Edificantes Discussões Mensais* – e já dialogava com a concepção existente hoje de que conversam com seu público, além de informá-lo. Na França e Itália também surgem revistas nesses termos, mas é em Londres, na Inglaterra, que surge o primeiro produto mais parecido com os atuais, a *The Gentleman's Magazine*, de 1731. É nesse ponto que o termo magazine passa a se referir a revistas, pois reunia vários assuntos diferentes,

⁴ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

⁵ Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

⁶ Fórum Nacional de Professores de Jornalismo.

⁷ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

⁸ Este artigo foi produzido como etapa de realização de monografia de conclusão de curso sobre Jornalismo de revista. Seu conteúdo deverá integrar o primeiro capítulo da referida monografia, a ser apresentada como parte das exigências para a conclusão do curso de Jornalismo da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba).



todos tratados de forma leve e agradável, da mesma maneira que as *magazines*, as primeiras lojas de departamento européias, que vendiam um pouco de tudo.

No Brasil, a história das revistas começa já no início do século XIX, quando a corte portuguesa se muda ao país, fugindo da guerra na Europa, e traz consigo esse modelo que já fazia sucesso tanto por lá quanto nos Estados Unidos. Como todas as publicações da época, apresentam jeito e cara de livro, principalmente no requinte linguístico. Apenas no início do século XX, na chamada *Belle Époque* que acontecia na Europa, várias transformações científicas e tecnológicas de lá se refletem também no Brasil, trazendo inovações na indústria gráfica e permitindo mudanças que se aproximam ao modelo que se conhece hoje. (SCALZO, 2003)

E a história das revistas no país, ainda que breve quando comparada a de outros países, inclui experiências marcantes. Destacam neste contexto o pioneirismo de O Cruzeiro, ao introduzir a reportagem, de Manchete, pelo uso da fotografia, e de Realidade, pela inovação e papel político relevante na década de 1960, durante a Ditadura Militar.

Diferente de qualquer outro tipo de publicação, as revistas têm um modo de fazer jornalístico próprio que a define. Elas nasceram para ajudar no aprofundamento de assuntos do dia a dia, na segmentação dos conteúdos de interesse da população e para fornecer serviços utilitários, na função primordial de proporcionar ao seu leitor tudo aquilo que ele procura em apenas uma publicação: entretenimento, educação, novos conhecimentos e interpretação diferenciada dos acontecimentos. (SCALZO, 2003)

A maneira como transmite as notícias ao seu público e a linguagem intimista desse veículo fizeram com que ganhasse rapidamente a atenção das pessoas.

[...] As revistas nascem, por um lado, sob o signo de mais pura diversão – quando traziam gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los a lugares aonde jamais iriam, por exemplo. Por outro, ajudaram na formação e na educação de grandes fatias da população que precisavam de informações específicas, mas não queriam – ou não podiam – dedicar-se aos livros. (SCALZO, 2003, p. 13)

Neste campo, é possível afirmar que a segmentação surge praticamente ao mesmo tempo em que as próprias revistas. Elas já nascem com público específico, feitas para atender e suprir as expectativas de seus leitores. No Brasil, as primeiras revistas segmentadas já existem no século XIX, e são voltadas ao público feminino. Nascidas



aqui e ali, sem muito alarde, trazem artigos de moda, culinária, artigos de interesse geral e pequenas notícias que seriam do interesse feminino.

A tendência se mantém e, a partir da década de 60, começam a surgir também publicações voltadas ao público masculino, falando abertamente sobre tabus e assuntos polêmicos. A mais conhecida entre elas, a *Playboy*, se mantém viva até hoje. Esse é o início de um modelo de publicação que nasce para agradar públicos cada vez mais específicos e conhecidos, surgindo então revistas que só tratam – ou tratam em sua maioria – temas como esportes, cultura, música, saúde, educação, moda e comportamento. E entre elas, as revistas conhecidas como de informações gerais, que unem vários temas na mesma edição. (SCALZO, 2003)

2. As Teorias do Jornalismo aplicadas à análise de revistas

O início dos estudos sobre das teorias do jornalismo não têm data definida, mas acredita-se que seu expoente foi o pesquisador alemão Tobias Peucer, autor da “*De relationibus novellis*”, uma tese de 29 parágrafos apresentada em 1690 na Universidade de Leipzig, na Alemanha, que compara Jornalismo e História e propõe os primeiros critérios de seleção e restrição do que deve ser publicado.

No Brasil, os estudos acerca da produção do jornalismo como forma de conhecimento são datados de 1988, quando Adelmo Genro Filho lançou, alguns meses antes de sua morte precoce, o livro *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*, aonde propõe uma mudança radical na maneira como as universidades brasileiras ensinavam o jornalismo, apresentando uma nova abordagem do fenômeno, como uma forma de conhecimento da realidade. (MEDITSCH, 1992)

Um marco significativo, que impulsiona avanços neste campo foi a publicação da obra do professor português Nelson Traquina (2002)⁹, que exemplifica que depois de muitos estudos realizados sobre jornalismo, é possível esboçar a existência de várias teorias que se propõem a explicar porque as notícias são como são. Esses estudos são compilados posteriormente por Felipe Pena (2005) que revisita as teorias explicadas por Traquina e propõem complementações, e expandidos por José Marques de Melo (2006), que faz um estudo mais amplo sobre o conhecimento em jornalismo aplicado nas

⁹ Em 2002 são publicados no país os dois volumes do estudo *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*, e *A Tribo Jornalística – Uma Comunidade Interpretativa Transnacional*, pela editora Insular.



universidades do Brasil, sobretudo realizando um resgate do pensamento de autores brasileiros sobre o tema.

Os estudos destes pesquisadores geraram frutos ao serem aplicados nas universidades brasileiras, e hoje as teorias do jornalismo estão presentes em grande parte das pesquisas da área. Prova disso é a presença constante, nos eventos de comunicação e jornalismo como Intercom, SBPJor, FNPJ e Compós, de estudos que utilizam estas teorias como base para analisar as produções jornalísticas da atualidade, como revistas, jornais, e telejornais. Além disso, a criação do curso de mestrado em Jornalismo¹⁰, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e o doutorado em Jornalismo também na Universidade Federal de Santa Catarina, reforçam essa ideia.

Apesar de já ter sido adotada na grade curricular de diversas instituições de ensino de jornalismo do Brasil, hoje o estudo das teorias do jornalismo é conteúdo obrigatório, graças às novas diretrizes curriculares nacionais de graduação em jornalismo, formulada pelo Ministério da Educação (MEC), em 2013, que entra em vigor em todas as faculdades no prazo máximo de 2016. Segundo a resolução Nº 1 (2013):

Fica regulamentado o eixo de formação específica, cuja função é proporcionar ao futuro jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade da profissão que contenha fundamentos históricos, taxonômicos, epistemológicos; ordenamento jurídico e deontológico; instituições, pensadores e obras canônicas; manifestações públicas, industriais e comunitárias; os instrumentos de autorregulação; observação crítica, análise comparada; revisão da pesquisa científica sobre os paradigmas hegemônicos e as tendências emergentes (GARCIA, 2013, p. 5).

Com o passar do tempo, como já citado, as teorias do jornalismo têm estado presente nos estudos do Jornalismo desde a formação teórica da graduação, até chegar às pesquisas propriamente ditas, voltadas ao Jornalismo como todo. Quando se pensa nos estudos em jornalismo de revista, isso não é diferente.

O jornalismo de revista pode ser analisado de diversas formas, a partir de diferentes modelos teóricos e abordagens metodológicas. Entre eles, a análise da linguagem utilizada, a análise imagética, de cobertura, de conteúdo, de discurso e também das teorias de jornalismo utilizadas que norteiam a produção de conteúdos. No país,

¹⁰ O curso de Mestrado da UFSC começou a funcionar em 2007, e o de doutorado em 2014. O mestrado na UEPG começou a funcionar em 2012.



estudantes de graduação e pós-graduação utilizam dessas técnicas em diversos artigos e trabalhos de conclusão de curso, e é possível observar uma crescente utilização das Teorias do Jornalismo para analisar e explicar o porquê das notícias serem construídas da maneira que são nas matérias jornalísticas.

Traquina (2002) ressalta que as Teorias do Jornalismo existem para nortear a discussão de porque as notícias são como são, qual o papel do jornalista nas sociedades contemporâneas e qual o papel do jornalismo na construção social. De acordo com a socióloga norte-americana Gaye Tuchman, embora pareça simples que o jornalismo tem o propósito de fornecer os relatos de acontecimentos que são categorizados como significativos ou interessantes, esta construção é extremamente complexa, daí o surgimento das teorias para explicá-las com mais clareza.

O ponto de partida reflexivo sobre o jornalismo é a chamada teoria do espelho, nascida praticamente junto com o jornalismo moderno, no século XIX. Desde então, diferentes construções teóricas buscam explicar o fenômeno, ora debruçando-se prioritariamente sobre o caráter social da produção de notícias, ora sobre o caráter processual, ou sobre o protagonismo do jornalista. A própria teoria do espelho constata que as notícias assim são porque elas correspondem a um reflexo da realidade e dos acontecimentos do dia a dia. Sendo assim, é considerada uma teoria de caráter social, da mesma maneira que a espiral do silêncio, que enfatiza que as notícias têm a tendência a acompanhar a opinião de uma maioria e do público em aceitá-las. Aqueles que são da opinião minoritária acabam sendo “excluídos” do convívio social.

A maioria das construções teóricas posteriores mostram o caráter primário da teoria do espelho, que não consegue oferecer elementos para que se compreenda a natureza complexa do jornalismo, em todos os seus contornos internos e de relação com a sociedade na qual se insere. Por isso, nos anos 50, a teoria do espelho é refutada, pois se comprova que o jornalismo está longe de ser um espelho do real, mas sim, muito mais próximo de um método de construção de uma suposta realidade. A maneira como o jornalista produz o discurso, submetida a pressões sociais e modos de operação das redações não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la a seu modo (PENA, 2005). Neste momento, nasce o modelo teórico do *Gatekeeper*, formulado por David Manning White, que se refere a uma pessoa, no caso o jornalista, que tem o poder de decidir quais informações devem e quais não devem passar, determinando o que vira notícia através de uma série de escolhas, que seriam os “portões” (*Gates*) antes de publicada. Essa teoria destaca o protagonismo do jornalista durante a produção de notícias. Outra teoria



que segue esta mesma linha é a *News Frame* ou Teoria do Enquadramento. Nela, o jornalista utiliza um conjunto de idéias, palavras e expressões que promovem um enquadramento ou enfoque que molda o acontecimento, ora destacando alguns aspectos, ora ocultando outros. Ela foi formulada pela primeira vez pelo canadense Erving Goffman, em 1974. No Brasil Adelmo Genro Filho foi o primeiro a estudá-la, em 1988.

Após identificar a influência do jornalista e a importância da mídia na construção do real, surgem novas dúvidas, nos anos 60 e 70, acerca das implicações políticas e sociais da atividade jornalística e na capacidade do Quarto Poder de influenciá-las. De acordo com a teoria Instrumentalista ou da Ação Política, é neste cenário que a mídia é usada como instrumento para servir a interesses políticos. Sendo assim, as notícias são distorções que servem a agentes sociais. Essa teoria é formulada em duas vertentes: de direita, usando o argumento de que as grandes cadeias midiáticas fazem parte de uma nova classe intelectual com o interesse de propagar opiniões anti-capitalistas, expandindo a atividade reguladora do Estado contra as empresas privadas; e de esquerda, sendo que neste segundo caso as empresas jornalísticas são dependentes da publicidade e, dessa maneira, muito ligadas às empresas contratantes, que acabam por definir o conteúdo publicado, e jornalistas e o próprio veículo são reduzidos a executantes do serviço do capitalismo. (TRAQUINA, 2002)

Outra vertente de pesquisa engloba seis teorias do jornalismo, voltadas para o caráter processual da produção jornalística. São eles o *Newsmaking*, na qual o processo de produção de notícias nas empresas é planejado como uma rotina industrial de seleção de fatos e construção da matéria; a Organizacional, que demonstra que as notícias são assim porque sofrem o condicionamento definido a partir das estruturas e rotinas das organizações/empresas jornalísticas; a Construcionista, em que elas são construídas por eles a partir da junção de fatores como a organização do trabalho jornalístico, limitações orçamentárias e linguagem do jornalista/empresa jornalística que acabam por definir e moldar a realidade; a Estruturalista, na qual as notícias se voltam automaticamente às ideias das empresas, resultante de sua organização burocrática, do que é entendido como “valor-notícia” e do próprio processo de construção; a Interacionista, que são resultados de um processo de produção constituído de percepção, seleção e transformação dos acontecimentos em notícias regido sobre a tirania do tempo de produção das empresas; e dos Definidores Primários, onde as fontes primárias, ou seja, fontes oficiais que são ouvidas antes de todos sobre os acontecimentos, têm poder sobre a construção da notícia.



Muitas outras teorias vêm sendo construídas para chegar a uma conclusão mais clara sobre a produção de notícias. Dentre as mais antigas, consideradas anteriormente, pesquisadas entre as décadas de 50 à 70, encontra-se a última, a teoria do *Agenda Setting*. Ela defende a idéia de que o jornalismo é um construtor da realidade social, mostrando ao público o que ele deve pensar, como deve pensar e sobre o que devem falar. Os consumidores de produtos jornalísticos tendem a dar mais importância a assuntos que são veiculados na imprensa do que aqueles que não são, sugerindo que as mídias agendam nossas conversas. Essa teoria levanta um dos debates mais importantes do jornalismo que é maneira como ele afeta o debate público, como modelador de conhecimentos, distorções da realidade, estereótipos e construção do real.

3. As teorias do jornalismo na pesquisa sobre jornalismo de revista

O ponto de partida deste trabalho foi a busca¹¹ nos repositórios da Intercom, Compós, Lume, SBPJor e FNPJ. A partir desta pesquisa, nos últimos cinco anos, foram identificados 326 artigos que relatam análises relacionadas ao jornalismo de revista. No conjunto de estudos sobre jornalismo de revista encontrados, entretanto, apenas sete artigos utilizaram teorias do jornalismo como referência principal. Este resultado inicial, em certo aspecto, contraria a hipótese inicial deste estudo, mas mantém-se como passo seguinte a análise específica sobre estes estudos, a fim de se compreender com mais detalhes a forma como as teorias são tomadas e utilizadas de modo específico para a compreensão do jornalismo praticado em revistas.

O primeiro artigo, “Sobre o Fim do MST: O enquadramento nas matérias publicadas pelas revistas *Isto É* e *CartaCapital*”, produzido por Marciana Hences (2011) apresenta uma análise comparativa entre a reportagem “Extrema- Unção”, publicada no mês de agosto na revista *Carta Capital*, e “O Ocaso do MST”, publicada no mês de setembro, na revista *Isto É*, ambas no ano de 2011 sobre a possível desestruturação e fim do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a banalização da Reforma Agrária no Brasil.

¹¹ A busca foi feita no Compós verificando todos os artigos disponíveis no GT – Estudos de Jornalismo de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014; no Lume a partir das palavras-chave “análise” e “revista”; no Intercom a partir do anais dos congressos Regional e Nacional de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014 e no repositório Portcom pelas palavras-chave “análise” e “revista”; na Rebej verificando cada artigo publicado nas edições semestrais da revista dos anos de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014; na SBPJor verificando cada artigo publicado nos eventos dos anos de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.



“A Bandeira da esquerda levantada no jornalismo: Uma análise da revista Caros Amigos”, de Flávio Christo (2013), traz uma análise do posicionamento político e do conteúdo da Caros Amigos, através da análise de artigos, conteúdo e aparência gráfica.

No artigo de Camina Cunha (2012), “Quando a mídia sentencia antes da justiça: Análise da cobertura da Veja sobre o caso Isabella Nardoni”, são descritos os processos de agendamento utilizados pela revista Veja em sua cobertura sobre o Caso Isabella Nardoni. O estudo baseia-se em conceitos que envolvem noções de acontecimento e de produção do acontecimento, sensacionalismo e espetacularização da notícia.

Já “A Narrativa Jornalística e a Construção do Real: Como as revistas Veja e Isto É trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo (USP)”, de Bruno Bernardo Araújo (2011), analisa duas reportagens, das revistas Veja e Isto É. O objetivo é compreender a forma como ambas trataram a manifestação de um grupo de estudantes da Universidade de São Paulo, em outubro de 2011.

“Heteronormatividade e outros marcadores sociais no jornalismo”, de Taís Castro (2014) faz uma análise sobre a configuração de heteronormatividade e a forma como a sexualidade se relaciona com outros marcadores sociais de diferença nas edições de fevereiro a junho de 2014 das revistas Claudia e TPM.

O artigo de Carolina Grossini (2014), “A produção dos sentidos sobre o Brasil na revista The Economist” busca compreender os sentidos produzidos sobre o Brasil na reportagem especial *HasBrazilblownit?*, publicada pela revista *The Economist* em setembro de 2013, problematizando sua relação com o liberalismo.

O último artigo analisado foi o “A Produção de sentidos sobre Barack Obama”, de Daniela Torres do Bem (2011), que analisa a produção de sentidos sobre Barack Obama nas revistas Veja e Época durante o ano de 2008 – ano eleitoral nos Estados Unidos.

3.1 Perfil geral dos estudos

A primeira constatação ao analisar o conjunto de artigos selecionados é que o tema atrai mais a atenção nos cursos de graduação do que nos de mestrado e doutorado. Todos os trabalhos encontrados e que analisam as revistas através das teorias do jornalismo foram produzidos por alunos de graduação. Em dois casos, os trabalhos foram apresentados em evento científico após o término do curso, mas ainda assim foram produzidos durante o curso.



A constatação pode se justificar a partir de várias hipóteses, entre as quais a de que a pesquisa sobre jornalismo de revista atrai mais os estudantes de graduação em virtude do fato de permitir-se uma aproximação entre teoria e prática, considerando-se que em muitos cursos de jornalismo ocorre a produção de revistas. Outra hipótese plausível é a de que nos cursos de pós-graduação a atenção volta-se a aspectos teóricos mais abrangentes, o que pode resultar em menos estudos específicos voltados a veículos e suas coberturas.

Outro dato importante analisado na pesquisa se refere às instituições que mais produzem conteúdo de pesquisa em revista. Dos artigos selecionados, seis foram produzidos em universidades públicas. São elas: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Apenas um artigo foi produzido por alunos de universidades privadas, sendo ele do Centro Universitário Franciscano (Unifra). E um deles foi produzido em universidades no exterior, como é o caso da Universidade de Coimbra, na Espanha.

Esses dados indicam que alunos de universidades públicas brasileiras têm maior interesse em aplicar as teorias do jornalismo no estudo e entendimento do jornalismo realizado pelas revistas. Já as universidades particulares demonstram menor interesse nesse tipo de análise de revista, ou tem menor interesse em inscrever essas pesquisas em congressos da área ou arquivá-los em repositórios de acesso livre.

A verificação geral em relação aos projetos mostra também o perfil das revistas que mais atraem a atenção dos estudantes, que são justamente as de informações gerais e com maiores tiragens. Veja e Isto É, que também são as duas revistas semanais de maior circulação do país, são as mais avaliadas, junto com a revista Época. A primeira, com tiragem de 1.121.616 exemplares, e a segunda com 353.299.

Dos sete artigos pesquisados, três deles fazem referência à revista Veja e dois à revista Isto É. As outras revistas pesquisadas foram Carta Capital, Caros Amigos, Claudia, TPM e The Economist. Verifica-se que as revistas que trazem informações de política, economia e mundo atraem mais pesquisadores que desejam entender como esses conteúdos são produzidos do que as revistas especializadas sobre assuntos como esportes, cultura, música, moda e saúde.

3.2 Foco de análise e metodologias



A análise do material selecionado mostra também que o foco principal dos estudos está relacionado à cobertura da revista em relação a temas específicos, na maioria dos casos temas de impacto político. Dos sete trabalhos pesquisados, seis fazem a análise de cobertura. Apenas um fez análises técnicas (que incluem análise da linguagem utilizada e técnicas jornalísticas), o que leva à conclusão que o maior interesse ao analisar as produções em revista é avaliar o posicionamento adotado pelas publicações em relação aos temas, a fim de se discutir a isenção ou não destes veículos na produção do seu material.

Em praticamente todos os casos, as reportagens escolhidas referem-se a temas que tiveram grande impacto social, como é o caso de coberturas de julgamentos – a exemplo do caso Isabella Nardoni –, e de matérias de cunho político de relevância – como a reeleição do presidente norte-americano Barack Obama – ou seja, os estudos procuram contribuir para o entendimento da influência destas publicações na construção da realidade social. Dessa maneira, as análises de linguagem da revista e suas características técnicas não ganham tanto destaque nas pesquisas desse campo.

Para se realizar uma análise das revistas são utilizadas diversas metodologias. Nos sete trabalhos analisados por este artigo, foi possível concluir que as metodologias mais usadas são a Análise de Discurso, presente em quatro trabalhos e a Análise de Conteúdo, presente em dois. O outro trabalho utilizou a metodologia de enquadramento noticioso. A Análise de Discurso (AD) é a preferida dos estudantes por ser voltada especificamente para esmiuçar os textos das reportagens. A mais conhecida, e por consequência a mais escolhida para a produção dos trabalhos é a Análise de Discurso de linha Francesa, que surgiu das pesquisas do teórico Michel Pêcheux e depois foi revisitada por Michel Foucault, ambos franceses, que as disseminaram.

3.3 Teorias do jornalismo utilizadas

A análise do uso das teorias do jornalismo na interpretação do jornalismo realizado pelas revistas permitiu identificar a presença de diferentes correntes, com a mobilização de conceitos que ajudam a compreender: o impacto das publicações na sociedade, o processo de construção da notícia e a forma de enquadramento do tema abordado.



Tabela 01 – Teorias utilizadas

Título e local de apresentação	Teoria Utilizada
Sobre o Fim do MST– Apresentado em Intercom Sul 2012	Teoria do Enquadramento <i>Noticioso/Newsframe</i>
A Bandeira da esquerda levantada no jornalismo– Apresentado em Intercom Sudeste 2013	Teoria do Espelho
Quando a mídia sentencia antes da justiça– Apresentado em Intercom Sul 2013	<i>Agenda Setting</i> e Teoria do Enquadramento Noticioso/ <i>Newsframe</i>
A Narrativa Jornalística e a Construção do Real– Apresentado em Intercom Nacional 2012	<i>Newsmaking</i>
Heteronormatividade e outros marcadores sociais no jornalismo– Apresentado em Lume UFRGS 2014	<i>Agenda Setting</i>
A produção dos sentidos sobre o Brasil na revista The Economist– Apresentado em Lume UFRGS 2014	Teoria Construcionista
A Produção de sentidos sobre Barack Obama– Apresentado em Lume UFRGS 2011	Teoria Construcionista

Uma análise preliminar dos dados mostra um balanceamento entre as teorias utilizadas, e que não há uma teoria do jornalismo dominante que é mais aceita ou utilizada que as outras. Cada uma das abordagens presentes é formatada de maneira a chegar mais corretamente a resposta do “porque as notícias são como são”, e se adequam a casos diferentes nas produções jornalísticas.

Dois estudos utilizaram-se da Teoria do *Agenda Setting*: “Quando a Mídia Sentencia antes da Justiça” traz uma compreensão do agendamento da mídia, mostrando que quando ela fornece as informações de um caso de grande repercussão já com sua visão dos fatos e dos suspeitos, seu público é levado a compartilhar dessa mesma opinião. No artigo “Heteronormatividade e Outros Marcadores Sociais no jornalismo” constata-se a



importância da mídia na construção da opinião pública. Ao normatizar um padrão social, estampando-o com frequência em suas páginas, esse padrão será absorvido pelo público como “certo” ou “ideal”.

Outros dois trabalhos usaram a Teoria Construcionista e dois a Teoria do Enquadramento Noticioso/*NewsFrame*. Dois trabalhos utilizaram da Teoria do *Newsmaking* e um deles utilizou a Teoria do Espelho. Neste caso o objeto de análise é o jornalismo na revista Carta Capital e os autores apontam que é possível identificar um padrão de publicações que poderiam se aproximar do que é o espelho da realidade. A maneira como o veículo constrói a informação sem a menor interferência possível da visão de anunciantes, estando livre para compartilhar informações que em outros casos seriam restritas.

De forma mais ampla, é possível constatar que apesar da expansão do debate e ensino sobre estas teorias, seu uso ainda é restrito na análise do jornalismo impresso de revistas. No caso deste meio predominam estudos voltados ao campo de análise imagética e semiótica, principalmente ancorados em metodologias como a análise do discurso.

Verifica-se também que a pesquisa sobre jornalismo de revista ocorre principalmente em instituições públicas, por estudantes de graduação e voltadas a revistas de interesse geral e de grande circulação. O foco está nas análises de cobertura de casos de grande repercussão.

O uso das Teorias, por outro lado, oferece elementos ricos para um dimensionamento do trabalho jornalístico nas revistas. Com este tipo de conhecimento é possível avaliar o processo de construção da notícia, a forma de manipulação, intencional ou não das informações, numa perspectiva instrumentalista e, principalmente, a capacidade destas publicações de interferir no processo de debate político e social, a partir de elementos da Teoria do *Agenda Setting*.

É oportuno registrar que os dados deste estudo podem não ser aplicados ou referendar as situações de outros meios, como jornais impressos, televisão e Internet. Realizar estudos nestas áreas é, sem dúvida, um grande desafio.

Considerações Finais

Com a implantação das novas diretrizes para os cursos de graduação em Jornalismo, que incluem em suas matrizes curriculares matérias teóricas e grandes pensadores do



jornalismo contemporâneo, é esperado que as teorias do jornalismo se tornem ainda mais comuns nas pesquisas em comunicação, pois o pensamento científico tem avançado significativamente neste campo nos últimos vinte anos. A ampliação de estudos com esta perspectiva teórica, de outro lado, contribuirá para análises mais criteriosas sobre a prática jornalística, o que permitirá respostas mais claras para a pergunta ainda pertinente “por que as notícias são como são”.

5. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Bruno Bernardo. **A Narrativa Jornalística e a Construção do Real:** Como as revistas *Veja* e *Isto É* trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo (USP). Universidade de Coimbra – Portugal, 2011. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>> Acessado em: 02 de abril de 2015.

DO BEM, Daniela Torres. **A Produção de sentidos sobre Barack Obama.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34696/000789820.pdf?sequence=1>> Acessado em: 02 de abril de 2015.

CASTRO, Taís. **Heteronormatividade e outros marcadores sociais no jornalismo.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/111793/000953044.pdf?sequence=1>> Acessado em: 02 de abril de 2015.

CHRISTO, Flávio. **A Bandeira da esquerda levantada no jornalismo:** Uma análise da revista *Caros Amigos*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1649-1.pdf>> Acessado em: 02 de abril de 2015.

CUNHA, Camila. **Quando a mídia sentencia antes da justiça:** Análise da cobertura da *Veja* sobre o caso Isabella Nardoni. Centro Universitário Franciscano, 2012. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1498-1.pdf>> Acessado em: 02 de abril de 2015.

GARCIA, Gilberto Gonçalves. **Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013: Institui as diretrizes curriculares para o curso de Graduação em Jornalismo, bacharelado.** MEC – Conselho Nacional de Educação, Diário Oficial da União. Brasília: 2013.

GROSSINI, Carolina. **A produção dos sentidos sobre o Brasil na revista *The Economist*.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102361/000932451.pdf?sequence=1>> Acessado em: 02 de abril de 2015.

HENCES, Marciana. **Sobre o Fim do MST:** O enquadramento nas matérias publicadas pelas revistas *Isto É* e *CartaCapital*. Universidade Federal de Santa Maria, 2012. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0860-1.pdf>> Acessado em: 02 de abril de 2015.



MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. 1 ed. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

MELO, José Marques. **Teoria do Jornalismo: Identidades Brasileiras**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. 1 ed. São Paulo: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Porque as Notícias são como são**. 2 ed. São Paulo: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 ed. Lisboa: Presença, 1999.